

SUJEITOS-ESCOLARES E A BIBLIOTECA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Gustavo Grandini Bastos¹, Lucília Maria de Sousa Romão²

¹Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/Departamento de Física e Matemática/Ciência da Informação e da Documentação, Ribeirão Preto, gugrandini@uol.com.br.

²Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/Departamento de Física e Matemática/Ciência da Informação e da Documentação, Ribeirão Preto, luciliamsr@uol.com.br.

Resumo- Buscamos, com esse trabalho, interpretar a voz de sujeitos-escolares sobre a biblioteca escolar, sua estrutura, funcionamento e representação. Tocando algumas questões da Biblioteconomia (biblioteca escolar, bibliotecário, professor readaptado), buscamos interpretar, à luz da Análise do Discurso de filiação francesa, como são tecidos discursos sobre essa unidade informacional, como a ideologia faz parecer evidente que se diga de um modo e não de outro a respeito dela e como as posições-sujeito de professor e bibliotecário movimentam redes de sentidos já ditos em outros contextos sócio-históricos.

Palavras-chave: Discurso, Silêncio, Sujeito, Biblioteca escolar.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas / Ciências da Informação

Introdução

Analisamos nesse trabalho como movimento de algo para além da matéria (vale aqui a polissemia do termo que implica a matéria escolar dada pelo curriculum), como instância do com em que pese o contato com múltiplos, diferentes e estrangeiros sentidos para o sujeito. E foi justamente evocando alguns desses efeitos que fizemos essa pesquisa flagrando, na voz de professores do ensino fundamental e médio de uma escola da rede pública de Ribeirão Preto (SP), modos de representar e simbolizar a instituição biblioteca escolar e o bibliotecário (ou encarregado de biblioteca). Nosso trajeto está posto da seguinte maneira: na primeira parte desse trabalho, apresentamos como a biblioteca escolar é definida e significada em textos científicos; depois, apresentamos os conceitos de sujeito, ideologia, silêncio, da teoria discursiva que são as nossas chaves interpretativas; interpretamos recortes do nosso corpus de análise e, por fim, apresentamos nossas considerações finais.

O nosso dito tem, no horizonte, a certeza de que os livros fazem falar possibilidades de deslocamento do sujeito por palavras alheias, por sentidos outros e por movimentos sempre novos de significação.

Metodologia e Material

Na literatura científica, a definição da biblioteca escolar está frequentemente ligada à pesquisa, realização de trabalhos e apoio às atividades escolares. Tal sentido dominante nos é dado a conhecer no recorte seguinte que postula ser a biblioteca escolar o local em que alunos e

professores (sujeitos-escolares como definiremos a seguir) deveriam ter acesso à informação (significante a ser avaliado em sua opacidade na próxima sessão). Na concepção da Biblioteconomia, a biblioteca escolar “possibilita acesso à literatura e às informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educandos, configurando uma instituição cuja tarefa centra-se na formação não só do educando como também de apoio informacional ao pessoal docente”. Ainda na mesma citação, o autor afirma que “a biblioteca precisa ser entendida como um ‘espaço democrático’ onde interajam alunos, professores e informação. Esse espaço democrático pode estar circunscrito a duas funções: a função educativa e a formação cultural do indivíduo” (RIBEIRO, 1994, p. 61).

Discussão

A biblioteca escolar é imaginariamente representada como um ambiente que possibilita o acesso igualmente garantido a todos que buscam informações no contexto escolar, não centrando-se apenas nos estudantes, mas em toda a comunidade escolar envolvendo professores, alunos, pais, funcionários, etc. Para dar conta dessa demanda de leitores, a biblioteca escolar deveria ter, em seu acervo, uma gama de livros de tipos diversificados, “[...] livros didáticos (que ajudam na compreensão do conteúdo curricular) e dos de entretenimento (para o lazer e o prazer), há que constituir o acervo de uma boa biblioteca escolar livros que promoverão a formação social, intelectual, cultural e crítica (literatura, filosofia, psicologia e ciências afins).” (CALDIN, 2005, p. 165) e também “outros materiais de objetivação do ensino. Sob essa tendência ela passou a ser

concebida como um novo material de objetivação do ensino. Sob essa tendência ela passou a ser concebida como um novo tipo de centros de recursos educativos no qual a ênfase não é apenas colocada na leitura, mas, igualmente, em ouvir e observar materiais que compreendem slides, transferências, files, diagramas, reproduções de arte, fitas gravadas, etc.” (CERDEIRA, 1977, p. 36).

A partir desses discursos, temos a circulação de um imaginário em que a biblioteca seria um espaço “democrático”, tido como aquele que facilitaria a “pesquisa escolar” e o acesso a todo tipo de informação, composto por um acervo diversificado e rico que disponibilizaria diversos recursos para atrair os diversos leitores da comunidade escolar, não excluindo nenhum dos mesmos e, assim, possibilitando que a “biblioteca se transforme no coração da escola” (OLIVEIRA, 1972, p. 194). Esses sentidos positivos, contornados pela moldura de eficiência e dinamismo, fazem aliança com a definição de um profissional que corresponda ao imaginário definido anteriormente, ou seja, para trabalhar com um espaço discursivizado com tantas possibilidades, é preciso alguém definido pelos mesmos sentidos de potência e eficiência. Assim, bibliotecário escolar, nos textos científicos, é dito como alguém que “deve fornecer a informação rápida, encontrar o material adequado - ir ao encontro do que o aluno precisa e deseja, são tarefas do bibliotecário. Por isso ele necessita de uma boa comunicação com os estudantes, deve ser agradável, gostar de servir e ser criativo e responsável” (TAVARES, 1973, p. 147).

Infelizmente não encontramos, em nossa pesquisa de campo em escolas municipais e estaduais, nenhum efeito de realidade capaz de sustentar esse imaginário e esse discurso científico. Não se mostrou realidade nenhuma referência ao trabalho dos bibliotecários em oferecer seus trabalhos como educador ou como alguém capaz de guiar os usuários pela busca da informação em um trabalho com os funcionários, pais, professores e todos os membros da comunidade escolar. Por isso, em sintonia com Ferrarezi (2007), acusamos um descompasso entre o modo como o objeto discursivo biblioteca escolar é tratado na literatura científica e, ao mesmo tempo, o silenciamento tanto da biblioteca escolar quanto do trabalho do bibliotecário nos dizeres que circulam no interior da instituição escolar.

Observamos que, na maioria dos casos, quem assume a biblioteca escolar, dificilmente é alguém com formação adequada em Ciência da Informação ou Biblioteconomia, “[...] é sempre um professor adoentado que perdeu a capacidade de ensinar, é o secretário da escola, ou até mesmo

um dos funcionários culturalmente menos aptos. Funciona, assim, a biblioteca como um mero local onde se emprestam os livros de forma precária e desorganizada, incorrendo ainda no perigo de desvio do pouco material bibliográfico existente” (SANTOS, 1973, p.148). Esse quadro promove, não apenas a substituição da voz do bibliotecário por outra(s), mas, sobretudo, um modo de lacunar os sentidos de “biblioteca como recurso pedagógico eficiente” (ANDRADE, 2005, p. 13). Inferimos que as práticas de visita à biblioteca escolar e as maneiras de ler pelo prazer de contatar livros, de vivenciar histórias, de escutar narrativas, de ter contato com obras diferentes etc tornam-se distantes do cotidiano dos sujeitos-escolares, os modos de significar a leitura reduzem-se à pesquisa escolar e a respostas de questionários, o que promove a emergência da paráfrase (ORLANDI, 1999), processo de repetição do mesmo, do igual, dos sentidos dados e domesticados como únicos possíveis.

São muitas as causas desse processo de empobrecimento dos espaços de leitura prazerosa nas escolas (e especificamente de prestígio das bibliotecas escolares), e não está no horizonte desse artigo discutir tal questão; no entanto, considerando que a exterioridade constitui os atos de linguagem, julgamos importante marcar que no nosso sistema educacional, não se tem a educação como um processo de averiguação e “nem percebem que as averiguações e pesquisas exigem fontes de consulta que, na sua maior parte, devem ser buscadas nas bibliotecas” (CARVALHO, 1981, p. 22).

Sobre isso, destacamos também o modo como o discurso pedagógico (ORLANDI, 1997) interdita a polissemia, didatizando apenas um dizer, marcando a assimetria entre as vozes no contexto escolar, permitindo apenas que um sentido mantenha a circularidade do previsível. Destacamos, ainda, que o lugar imaginário do bibliotecário é preenchido por “um rol de normas disciplinarizantes e a imagem de uma posição-sujeito em que ler não era o centro do trabalho nem a condição de estar na linguagem, mas uma contingência da tarefa de ordenar e manter o suposto controle do lugar e do acervo” (ROMÃO, 2007, p. 1).

A imposição do silêncio acaba por completar o quadro de causas que afugentam os leitores das bibliotecas escolares. Entendemos que a área destinada ao estudo deve ser silenciosa, mas a área relativa à consulta nas estantes deve contemplar a possibilidade do diálogo, da conversa, da troca de turnos e vozes; por isso, defendemos que “toda biblioteca tem que ter duas partes distintas. Numa ficará o acervo itinerante, destinado ao empréstimo. Nesta sala os alunos devem ficar à vontade. Nenhuma imposição de

silêncio, nenhuma preocupação com o manuseio dos livros. O espaço tem que ser de liberdade. Na outra sala (...) servirá como sala de estudo. Aqui sim o silêncio deve ser cultivado.” (SANCHES NETO, 1998, p.34). Dessa maneira, temos um sujeito-leitor marcado pela possibilidade de inscrever seu(s) dizer(es) no interior da biblioteca, em interação com as várias vezes dos livros, andando livremente pelas estantes e tocando o acervo, encontrando-se com “diversos arquivos discursivos” (ROMÃO, 2007, p.2).

Com a discussão promovida até aqui, gostaríamos de significar, não apenas nosso desconforto no contato com as escolas que visitamos marcadas, pela ausência dos lugares de leitura, pelo silenciamento dos gestos prazerosos de significar a biblioteca escolar e pelo apagamento da figura do bibliotecário, mas, sobretudo, discursivizar um modo de compreender esse “elefante-branco” (ABRAMO, 1986, p.119) que, dentro das escolas, precisa ser retirado do estado de paralisia em que se encontra, quase morto.

Nosso corpus de análise é constituído por recortes de entrevistas coletadas em uma escola estadual de Ribeirão Preto, na qual conversamos e ouvimos professores de diversas disciplinas das séries do Ensino Fundamental e Médio. Propusemos algumas questões, gravamos as respostas, selecionamos os recortes que se seguem para análise.

A questão lançada foi Qual a sua visão sobre a biblioteca escolar e do bibliotecário dentro de uma instituição de ensino? Deixamos que os sujeitos falassem livremente sem exigências de tempo ou de formalização, isto é, seguimos um questionário semi-estruturado, pois queríamos escutar de que modo eram inscritos sentidos de biblioteca escolar observando a singularidade do sujeito. Segue alguns recortes de entrevistas:

“É de vital importância, ter esse espaço na escola, para pesquisa, estudo e troca de informação entre os alunos, desde que monitorado.”

“É extremamente importante a existência de uma biblioteca que contenha um acervo variado para estimular a leitura de alunos e professores, segundo seu interesse. Para isso, há necessidade de um bibliotecário que conheça o acervo e saiba orientar os usuários”.

“(…) a existência da biblioteca na escola, acompanhada pelo bibliotecário que venha orientar e esclarecer os alunos na escolha da leitura, só vem contribuir neste processo de aprendizado”.

“O bibliotecário é muito importante, pois ele dinamizará a saída e entrada de livros, a organização do espaço físico, e indicação e dicas para leitura etc”.

Resultados

Observamos que o discurso sobre o prestígio da biblioteca escolar está materializado na ordem da língua, ou seja, apresenta-se como uma regularidade que se desdobra em várias entrevistas, nesses e em outros recortes. Isso nos permite inferir que existe um sentido dominante sobre o valor da biblioteca escolar, valor este que não está ligado ao prazer de ler, à descoberta do novo nos livros, ao gosto de ter contato com textos ficcionais, científicos etc. O valor, nesse caso, está relacionado a atividades de “pesquisa, estudo e troca de informação entre os alunos”, “leitura de alunos e professores, segundo seu interesse”, “processo de aprendizado”, “dicas para leitura”, o que nos parece pouco significar um efeito de imprecisão em que a leitura não tem uma direção assinalada, mas aparece difusa e pontuada por generalizações.

No entanto, há um traço bem marcado: a necessidade da presença do bibliotecário. À primeira vista, para nós, o discurso sobre essa presença poderia antecipar sentidos de cooperação e instalar efeitos de dinamismo na biblioteca com atividades dirigidas, ações culturais ligadas ao mundo dos livros e da leitura, observamos, com pesar, que não foi desse modo que os sujeitos-escolares construíram seus sentidos. O bibliotecário, nesses recortes, é colocado na posição imaginária de vigia, de guarda e de centro controlador do acervo, a quem estaria destinada a tarefa de, apenas, monitorar (“monitorado”) o espaço. Destacamos aqui a inscrição histórica dos sentidos de patrulha em que as máquinas de controlar estão dispostas dentro das escolas e dos espaços públicos, fiscalizando ações, modos de conduta e comportamentos. O bibliotecário é falado desse modo como mero fiscal do acervo, o que permite inferir que os discursos que circulam dentro da escola significam, de modo equivocado, a relação dos sujeitos com a biblioteca, com a leitura e com o bibliotecário. “Ele dinamizará a saída e entrada de livros, a organização do espaço físico, e indicação e dicas para leitura”, “há necessidade de um bibliotecário que conheça o acervo e saiba orientar os usuários” e “bibliotecário que venha orientar e esclarecer os alunos na escolha da leitura” são formulações que confirmam o sentido dominante de que as tarefas do bibliotecário são arrumar o acervo, coordenar entrega e recebimento de livros,

indicar leituras e monitorar o fluxo de pessoas, vozes e sentidos na biblioteca escolar.

Tal efeito ideológico de evidência está pontuado no recorte que se segue: “O bibliotecário tem que guardar os livros porque senão vira bagunça. Tem que organizar os alunos na hora de retirar os livros e também fazer todos ficarem quietos”, em que pontuamos a marca ter que como sentido de obrigação e imposição de um único modo de ser, estar, mover-se, ler e conviver na biblioteca.

Conclusão

Ao final do trabalho de escuta e análise de depoimentos de sujeitos-escolares, ficamos com a sensação de estarmos com as mãos vazias, posto que foram recorrentes os efeitos de ausência e silenciamento da leitura, biblioteca, bibliotecário na maioria dos nossos dados. Ao mesmo tempo em que o desconforto do vazio nos toma, outro efeito nos move, qual seja, o desejo de colocar o dedo em uma ferida histórica posto que as bibliotecas em geral e as escolares em particular, têm sido nomeadas como depósito de livros, objetos, pessoas.

Colocar em discurso a nudez desse apagamento é um primeiro passo para que os sentidos legitimados sejam deslocados, rompidos e questionados, e para que outros possam circular.

Agradecimentos

A Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) pelo apoio no desenvolvimento de nossas pesquisas.

Referências

- ABRAMO, C. Cuidado com elefante branco. **Boletim ABDF Nova Série**, Brasília, v. 9, n. 2, abr./jun. 1986. p. 119-20.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Reflexões sobre a leitura e a biblioteca escolar. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN. (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 43-54.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **A bonicidade do livro e a democratização da informação**: balelas bibliográficas. São Paulo: ABDF Boletim Informativo, Brasília, n.4, p.8, jun. 1989.
- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma investigação). In: ZIZEK, Slavoj (Org). **Um mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- CARVALHO, Maria da Conceição. Educação de Usuários em Bibliotecas Escolares: considerações gerais. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 9, n. 1, p.22-9, jan./jun. 1981.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (Ed.). **Mini Aurélio século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Reforma de Ensino e Biblioteca. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 707-12, jul./dez. 1977.
- ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4ª ed. Campinas: Pontes Editora, 1996.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 5ª ed. Campinas: Pontes Editora, 2003.
- ORLANDI, E. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio 1969. [trad. Eni Orlandi et ali]. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1975.
- PERROTTI, E. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus Editorial, 1990.
- RIBEIRO, M. S. R. **Desenvolvimento de coleção na biblioteca escolar**: uma contribuição à formação crítica sócio-cultural do educando. *Transinformação*, v.6, n. 1/2/3, p. 60-73, jan./dez. 1994.
- ROMÃO, L. M. S. (2007). **Na biblioteca escolar, a voz dos alunos**. IN: *Leitura e escrita: no caminho das linguagens*. Ribeirão Preto, Editora Alfabeta, 2007.
- ROMÃO, L. M. S., PACÍFICO, S. M. R. (2006). **Era uma vez uma outra história**: leitura e interpretação na sala de aula. São Paulo, Editora DCL, 2006.
- SVELLI, E. de L. **Leitura na escola**: crenças e práticas de professores. *Leitura: teoria e prática*, Campinas, v.21, n.40, p. 52-59, mar. 2003.

- SILVA, E. T. da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1986.

- SILVA, M. A. (2006). **Biblioteca escolar**: uma reflexão sobre a literatura. III Seminário de Biblioteca Escolar, promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais. Belo Horizonte. Disponível em <http://www.eci.ufmg.br/gebe/> (acessado em agosto de 2006).

- SILVA, R. J. da.; BORTOLIN, S. Reflexões sobre a leitura e a biblioteca escolar. In: SILVA, R. J. da; BORTOLIN, S. (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p.11-19.